

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



COSTA, Avelino de Jesus da (Ponte da Barca, 1908 – Braga, 2000)

Avelino de Jesus da Costa nasceu a 4 de Janeiro de 1908, no lugar de Barral, freguesia de Vila-Chã (São João), concelho de Ponte da Barca e morreu em Braga, em 17 de Outubro de 2000. Era filho de José António da Costa e de Antónia Maria Gonçalves. Por motivos de trabalho de seu pai, funcionário da Companhia dos Caminhos de Ferro, cedo acompanhou a família (era o mais novo de três irmãos) para Lisboa, onde veio a frequentar a instrução primária, na antiga freguesia da Madalena (hoje, integrada, com outras, na de Santa Maria Maior).

Cedo foi notado na dedicação às letras e mostrou propensão para a vida eclesiástica. De tal modo que a sua professora do ensino primário e uma outra mecenas, de Moledo do Minho, se dispuseram a custear as despesas do seu ingresso no Seminário. Volvia, assim, ao seu Minho natal, para frequentar o Seminário Menor de Braga, onde entrou a 7 de Janeiro de 1920. Em 1928 terminava o curso de Humanidades, com a classificação de “Distinto” e o de Filosofia com a de “Distinto com louvor”. Transitava, então, para o Seminário de Teologia da mesma cidade. No ano seguinte, por ordem do Prelado da diocese, D. Manuel Vieira de Matos, tomou caminho de Roma, para frequentar a Universidade Gregoriana, em cujo curso de Filosofia se matriculou. Em 1930, obtinha o grau de bacharel, com a classificação de “*Cum laude probatus*”. Porém, acometido de doença grave, viu-se obrigado a regressar a Portugal, onde reingressou no Seminário de Teologia de Braga, tendo concluído o respectivo curso em 1933, com 19 valores. Foi ordenado sacerdote a 15 de Agosto desse mesmo ano e, em 5 de Dezembro de 1972, tomava posse como Cónego do Cabido da Sé Primacial de Braga. No seu múnus sacerdotal evidencia-se o apoio às Irmãs Teresianas, de Braga, e, mais tarde, de acordo com a sua devoção mariana e fatimista, a promoção, engrandecimento e dinamização da devoção e das obras no Santuário de Nossa Senhora da Paz, na sua aldeia natal, bem como a criação e manutenção do boletim bimestral *Mensagem de Paz* (1970-1977), do qual era director e chefe de redacção, e que se apresentava como órgão dessa instituição.

Porém, era forte quer o apelo das Letras, quer de outros voos, de que ia dando sinal nos artigos que ia subscrevendo no *Diário do Minho* e no boletim diocesano *Acção Católica*. Assim, em 1944, matriculou-se no Curso de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Terminaria esta fase da sua vida em 1951, com a apresentação da dissertação *Calendários*



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Portugueses Medievais, aprovada com a classificação de 18 valores, que deixou inédita, até hoje, apesar do seu uso e do seu valor. De permeio e evidenciando, desde logo, a sua extraordinária capacidade de investigador, de 1944 a 1952, como bolseiro do Instituto de Alta Cultura desenvolveu um trabalho pioneiro e exaustivo, em diversas bibliotecas e arquivos, em busca de pergaminhos pertencentes a antigos códices litúrgicos, que, caídos em desuso, nos séculos XVI e XVII, foram desfeitos para as suas folhas servirem aos mais diversos fins, por exemplo, como capas ou guardas de documentos e livros. O resultado desse seu labor patenteia-se num extenso inventário, de nove volumes, por si mesmo dactilografado. Por esse tempo, conhecia uma das figuras que mais o marcariam na sua formação de investigador e historiador, o francês Pierre David, chegado a Portugal, em “missão universitária”, em 1941, a pedido do Instituto Francês em Portugal, e que rapidamente se integrou no recém-fundado Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos daquela Faculdade.

Nesse mesmo ano de 1952 (16 de Fevereiro), Avelino de Jesus da Costa – ou o Padre Avelino de Jesus da Costa, como gostava de ser tratado –, iniciava uma nova etapa da sua vida, pois era contratado como segundo assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, cargo que ocuparia até Fevereiro de 1958. Viria a doutorar-se na mesma Faculdade em 16 de Dezembro de 1960, com a tese *O Bispo D. Pedro e a organização da Diocese de Braga*, que obteve a classificação de 19 valores e pela qual viria a ser galardoada, em 1962, com o Prémio Alexandre Herculano, de História. Surgido o convite, em 28 de Janeiro de 1961, tomava posse do lugar de Primeiro Assistente e, em 1971, chegava à categoria de Professor Catedrático, após concurso para Professor Extraordinário, em 1965. Pelo meio, e em cerimónia conjunta com o Doutor Salvador Dias Arnaut, recebia as insígnias doutorais em Janeiro de 1965. Jubilou-se no ano lectivo de 1977/1978. Durante cerca de dois anos ainda se manteve em Coimbra, frequentando assiduamente a Faculdade, posto o que se retirou para Braga, ao Seminário de Nossa Senhora da Conceição, donde passou à Casa Sacerdotal da Diocese de Braga, onde viria a falecer. E foi a essa mesma diocese, ao Seminário Conciliar de S. Pedro e S. Paulo, que doou a sua preciosa biblioteca, a qual a Arquidiocese de Braga dispôs em instalações próprias, por ocasião da celebração do centenário de nascimento de AJC, em 4 de Janeiro de 2008.

A carreira académica de AJC pautou-se por uma grande dedicação à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sobretudo na docência e investigação, de que falaremos. Do ponto de vista da administração, exerceu alguns cargos, como o de Diretor do Curso de Bibliotecário-Arquivista, que ocupou de Outubro de 1963 até à jubilação, e ainda o de Director do Instituto de Estudos Históricos Doutor António de Vasconcelos, da mesma Faculdade (1966-1975), cujo órgão científico – a **Revista Portuguesa de História** –, secretariava. Personalidade sumamente discreta – a ponto de, nos conturbados dias da Revolução de Abril de 1975, nunca ter reclamado as prerrogativas do seu lugar de decano da Faculdade –, a sua grande luta e a sua grande obra, mas também o seu grande gosto, foi a criação do Instituto de Paleografia e Diplomática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em 1974, cuja direcção manteria até à data da jubilação. Numa outra



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

vertente da vida da instituição universitária, em 20 de Março de 1966, coube-lhe fazer o elogio dos Doutores Alexandre Fradique Morujão, Sebastião José da Silva Dias, Victor Raul da Costa Matos e Walter de Sousa Medeiros, no respectivo doutoramento solene.

Foi vogal da Subcomissão Portuguesa da *Commission Internationale d'Histoire Ecclésiastique Comparée*, integrada no *Comité International des Sciences Historiques*. Foi também vogal da 3.^a Secção da Junta Nacional da Educação (1966-1977). Com Mons. Miguel de Oliveira, Rev. Dr. A. da Silva Rego e o P. António Brásio, fez parte da Comissão organizadora que fundou o Centro de Estudos de História Eclesiástica (1956) e a respectiva revista – **Lusitania Sacra** –, a cuja Comissão redactorial pertenceu, logo de início e durante muito tempo. Foi membro da Academia Portuguesa da História, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, sócio emérito da Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais e, no estrangeiro, membro do *Comité International de Paléographie Latine* (eleito emérito em 1979) e da *Commission Internationale de Diplomatique*. A sua brilhante carreira era distinguida, em 1971, com a concessão das insígnias de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique.

Além de conhecer, como poucos, diversos Arquivos nacionais, nomeadamente, o Arquivo Nacional da Torre do Tombo, a Biblioteca Pública e o Arquivo Distrital de Braga e ainda o Arquivo da Universidade de Coimbra, a sua notória actividade na investigação fê-lo percorrer arquivos e bibliotecas de Paris, Barcelona (Archivo de la Corona de Aragón), Roma (Archivo Segreto do Vaticano), Madrid (Archivo Histórico Nacional) e muitos outros de Espanha, e a sua brilhante reputação científica levou-o, em Congressos e reuniões científicas, a Boston e Nova Iorque (VI Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, 1966), Barcelona (V Congresso Internacional de Arqueologia Cristã, 1970), Budapeste (IV^e Congrès International de Diplomatique, 1973), Roma (XIV Congresso Mariano Internacional, 1976), Paris (V^e Congrès International de Diplomatique, 1977). A sua obra, desde logo a sua tese de doutoramento, encontrou eco nos mais exigentes meios intelectuais do seu tempo, estrangeiros, como *Analecta Bollandiana* (LXXX, Bruxelles, 1962), *Analecta Sacra Tarraconensia* (XXXIV, Barcelona, 1961), *Antonianum* (XL, Roma, 1965), *Bulletin des Études Portugaises* (24, Lisbonne, 1963), *Compostellanum* (VII, Santiago, 1962), *Gregorianum* (XLIII, Roma, 1962), *Hispania. Revista Española de Historia* (LXXXVII, Madrid, 1962), *Hispania Sacra* (XIV, Madrid, 1961), *Revue d'Histoire Ecclésiastique* (LVII, Louvain, 1962), e portuguesas, como *Brotéria* (LXXII, 1961), *Itinerarium* (VII, 1961), *Lumen* (XXV, 1961), *Lusitania Sacra* (V, 1960/61).

Começou bem cedo a actividade docente de AJC. Terminado o Curso de Teologia, passou a leccionar no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga, e no Seminário Conciliar de São Pedro e São Paulo, situação em que se manteve até 1943, sendo recordado como um bom professor. Aí leccionou matérias tão diversas como Ciências Geográfico-Naturais, Literatura Portuguesa (SNSC) e Psicologia Experimental e História da Igreja (SCSPSP). Pelas circunstâncias de vida, seria, contudo, a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra a instituição que mais serviria como docente. Tendo-se iniciado na docência das aulas práticas de Paleografia e Diplomática, Epigrafia, História da Idade Média, na Licenciatura em História,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e de Aperfeiçoamento de Paleografia, no Curso de Bibliotecário-Arquivista, logo passou à responsabilidade da sua regência. Juntar-se-lhe-iam as cadeiras de Arquivologia e Arquivoeconomia, do referido Curso, e, pontualmente, as aulas de História do Cristianismo e a de Numismática, na Licenciatura em História. Em 1966, pela ausência do Doutor Torquato Brochado de Sousa Soares, nos Estudos Gerais Universitários de Angola, assumiu a regência da cadeira de História da Idade Média e a direcção do Seminário de História Medieval de Portugal, a que se seguiu a de Seminários nos Cursos de Especialização I e II de História Económica e Social. Sobretudo no primeiro, incrementou os estudos de história sobre instituições eclesásticas, de acordo com as afinidades da sua formação. Aliás, o mesmo aconteceu com a actividade no Centro de Estudos Históricos da Universidade de Coimbra, e, depois, no Centro de História da Sociedade e da Cultura, no qual dirigiu a “Linha 3: Publicação de fontes”, de cujo labor saíram obras que muito enriqueceram essa instituição e que deram jus a que se falasse, então, numa “escola de Coimbra”, a propósito do seu magistério. Em 1992, a Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais houve por bem homenageá-lo, reeditando, em volume próprio, sob o título *Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*, um conjunto de seis trabalhos, esgotados ou de difícil acesso, mas também paradigmáticos da sua longa experiência de investigador.

A biografia intelectual de AJC está vincadamente ligada às suas origens e à condição de sacerdote da Igreja bracarense. Foi no fim da década de 30 e após ter escrito vários artigos no *Diário do Minho* sobre a discutida, então, naturalidade dos irmãos Diogo Bernardes e Frei Agostinho da Cruz, que publicou o seu primeiro estudo. No *Boletim Diocesano Acção Católica* (1938-1940), AJC defendeu, e provou, que aqueles poetas quinhentistas, de relevo na literatura portuguesa, nasceram em Ponte da Barca e não em Ponte de Lima.

Desta incipiente fase de investigação científica podemos retirar a certeza de que o jovem Autor procurava a verdade, dava voz aos documentos originais e escolhia a via da crítica histórica para provar aquilo em que acreditava. Há que dizer, todavia, que esses trabalhos não foram premonitórios quanto à cronologia da história que AJC iria preferir durante cerca de seis décadas de incansável labor didáctico-pedagógico-científico. Na verdade, foi a Idade Média do século IX ao XV, a época, por excelência, que o P.^o Avelino escolheu para construir estudos, editar fontes paleográficas, escrever monografias, organizar congressos, proferir conferências e “lições de sapiência”.

Foram publicados, até hoje, muitos e circunstanciados balanços/homenagens sobre a vida e obra de AJC de que a Bibliografia Passiva é testemunho inequívoco. Deste modo, seleccionaremos, entre as três ou quatro grandes linhas de investigação e produção científico-pedagógica, aquelas que, como medievalistas, discípulas de sempre do Mestre, consideramos como referência na historiografia nacional e internacional. Como é sabido, de c. 1940 a 2000, o P.^o Avelino fez sair dos prelos 367 monografias, e estudos integrados em obras diversas, a que é possível juntar uma copiosa colaboração em Dicionários e Enciclopédias, que quase alcança uma centena (Maria Alegria Marques, “Professor Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

(1908-2000)", 2007, 53-92). E que não se esqueça a participação frequente, feita com a autoridade científica que o caracterizava, na Imprensa Regional. Destaquemos o *Diário do Minho* que o celebrou com duas assinaláveis publicações: *Cónego Avelino de Jesus da Costa no Diário do Minho* (2008) e *Cónego Avelino de Jesus da Costa na Imprensa Barquense* (2009).

Foi longa a vida do investigador, sobretudo se a compararmos com a do docente universitário que não ultrapassa os 23 anos. Todavia é notável e pioneiro o contributo que prestou ao estudo e desenvolvimento de ciências como a Paleografia, a Diplomática, a Epigrafia, a Codicologia, a Numismática, a Cronologia e não menos à Arquivística eclesiástica. Em *Vida e obra do Prof. Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa, Catálogo da Exposição* (2001), Maria Helena da Cruz Coelho, Maria José Azevedo Santos, Saul Gomes e Maria do Rosário Morujão dissertam em verdadeiro e superior sentido de homenagem póstuma sobre aqueles saberes em que o P.^o Avelino se revela insigne especialista.

A sua inédita tese de licenciatura, *Calendários Medievais Portugueses* (1950), modelarmente recenseada por Saul Gomes (2001), é o termo *a quo* de uma carreira brilhante quer como pedagogo quer como investigador. Em 1956, publicou o 1.^o manual de Epigrafia destinado aos alunos da FLUC. José d'Encarnação, que depois de 1975 regeria a cadeira, com ímpar competência e notoriedade nacional e internacional, escreve que para AJC a Epigrafia era o seu segundo "amor" (o 1.^o era a Paleografia) traduzido num conhecimento profundo especialmente da Epigrafia Romana e da Epigrafia Cristã que, diga-se, a condição de sacerdote favorecia bastante (Encarnação, 2011, 111-113). À Paleografia e à Diplomática, dedicaria, em 1966, na senda de Torquato Sousa Soares e de António Cruz, o *Álbum de Paleografia e de Diplomática. (Coleção Provisória)*. Nascia, sem dúvida uma obra-prima didático-científica que AJC melhoraria, refundiria e aumentaria em número de imagens em cinco edições, que se sucederam de 1972 (pela qual estudámos) até 1997. A 6.^a edição, em vigor no ensino desta disciplina, na FLUC, constitui um título obrigatório, orgulho para os estudantes que, embora já habituados a novas tecnologias de reprodução e leitura de documentos, não dispensam a aquisição e o trabalho com o *Álbum do Padre Avelino* como é conhecido. Por ele, aprendem as "1.^{as} letras" paleográficas, tomam conhecimento dos mais famosos arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiros, impressionam-se com os "retratos" gráficos de reis, rainhas, navegadores, cronistas e outros que mantêm viva a sua memória através das assinaturas autógrafas. Bastaria, dizemos nós, esta obra para justificar o lugar de AJC no panorama historiográfico do seu tempo. O P.^o Avelino era admirado, ainda que por vezes erradamente criticado, por colegas e amigos que tinha um pouco por toda a Europa: Manuel Díaz y Díaz, Manuel Mundó, António García y García, de Espanha, Giulio Battelli, italiano, António Domingues de Sousa Costa, franciscano português, que fez a sua vida em Roma, onde foi professor (e Vice-Reitor) no Ateneu *Antonianum* e na Universidade Urbaniana, Peter Rück, suíço, Padre Leonard Boyle, irlandês, Jean Vezin, francês, entre tantos outros nomes ilustres da Paleografia, Diplomática, Codicologia, Filologia. Ler e transcrever era tarefa sábia e exigente para o Mestre que era AJC. Deste modo, não causa admiração que tenha traduzido e adaptado da matriz estabelecida pela *Commission Internationale de Diplomatique* as



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos de que saíram três edições e que ainda são seguidas na Escola de Coimbra, entre outras.

Paleógrafo e diplomata exímio, dedicou-se ainda à edição crítica de cartulários, censuais, livros de chancelaria, bulários, obituários, para além de largas centenas de documentos avulsos latinos da Alta Idade Média. Neste âmbito é obrigatório referir o *Liber Fidei*, cartulário emblemático da Sé de Braga, cuja edição avançada mas incompleta acabaria concluída pelo também Prof. Doutor Cónego José Marques, com a colaboração de Maria Teresa Nobre Veloso e de Joaquim Tomás da Silva Pereira em 2017. Monumental e de valor inestimável para a historiografia portuguesa medieval é também a edição do *Livro Preto da Sé de Coimbra* que retomou com Leontina Ventura e Maria Teresa Nobre Veloso, mas terminou como responsável científico, sob a direcção de Manuel Augusto Rodrigues, em 1999.

Em co-autoria com Maria Alegria Marques iniciou aquela que seria uma das suas linhas de edições críticas mais exigentes, a dos bulários medievais. Infelizmente só foi publicado o de Inocêncio III (1198-1216) num total de 228 bulas e outros documentos, com índices de Marcelino Pereira. Como sublinha Maria Helena da Cruz Coelho levou a cabo, de 1959 a 1962, uma “obra insana” ao “percorrer os principais arquivos portugueses e os eclesiásticos de Astorga, Compostela, Lugo, Mondonhedo, Orense, Samora, Tui e o Archivio Segreto del Vaticano, a fim de inventariar os documentos pontifícios do século XIII referentes a Portugal” (Maria Helena da Cruz, “Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa. O Professor, o Mestre”, 1990, p. 314). De indispensável consulta e metodologia exemplar, é o estudo excelente sobre os primórdios da chancelaria régia portuguesa *La Chancellerie Royale portugaise jusqu’au milieu du XIII^{ème} siècle*, 1975, área que muitas das suas discípulas vieram a escolher para tema de conferências ou trabalhos de fôlego maior que acompanhou e orientou com sábia e rara dedicação.

A este propósito, é forçoso referir que com Rui de Azevedo e Marcelino Pereira, publicou, em 1979, *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)* enquanto no ano seguinte, ainda com o ilustre investigador Rui de Azevedo, dava um impulso, infelizmente sem continuidade, à edição de *Documentos Medievais Portugueses – Documentos Particulares (1116-1123)*, sob a égide da Academia Portuguesa da História.

E que dizer do altíssimo contributo prestado ao conhecimento da cultura eclesiástica do Reino de Portugal, na Idade Média, com a publicação e estudo de Inventários de Bibliotecas e Tesouros como os de Braga e de Coimbra, obras de consulta obrigatória para qualquer medievalista, ou da legislação diocesana como Constituições e Sínodos?

A lida, por vezes fatigante, de editar documentos latinos e portugueses, avulsos ou em colectâneas medievais, está na convicção de que como escreveu o nosso biografado, em 1973: “Não basta, porém, haver documentos. É preciso que o investigador os possa utilizar com segurança para, baseado neles, escrever a História, cientificamente, em vez de a reconstituir por via de conjecturas”. Linha de força de pensamento intemporal que fortaleceu, acrescentando: “Mas o documento, à semelhança do diamante, tem de ser devidamente trabalhado, aliás pode ser inútil para o investigador, se lhe for inacessível ou ininteligível”.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

No percurso científico de AJC é bem clara a convocação de um sem-número de ciências, a que já aludimos, além de outras como a Medalhística e aquela que não podia, de forma alguma, ignorar a Linguística. Associada, fundamentalmente, à Filologia procurou determinar contextos históricos e culturais necessários aos estudos de Literatura, História, Filosofia, entre outros. Paradigma deste comportamento é o magnífico trabalho “Os mais antigos documentos escritos em Português. Revisão de um problema histórico-linguístico” editado em 1979. Foi, então, unanimemente reconhecido, dentro e fora de Portugal, como trabalho exemplar de investigação, argumentação e datação crítica.

Com efeito, AJC encerrou o assunto em apreço, provando que o mais antigo documento escrito em português, não literário datado, é o 1.º testamento de D. Afonso II, lavrado em Coimbra em 1214, a 27 de Junho, de que se conhecem dois exemplares (um em Braga e outro em Toledo), dos 13 do original múltiplo. Mas recuemos a 1959-1960 para lembrar a tese de doutoramento já referida. A envergadura da investigação científica da obra teve como consequência elogios e críticas, apreciações deselegantes e comentários incentivadores. José Marques escreve a este propósito “o P.º Avelino de Jesus da Costa teve, por isso, de se enfrentar com diversos críticos nacionais e estrangeiros e foi precisamente nestes momentos difíceis que mais se impôs o seu perfil de investigador probo e homem simultaneamente combativo e humilde, qualidades que me aprez sublinhar”. E o futuro confirmou. Após a jubilação, o P.º Avelino decidiu empreender, à semelhança de Jean Mabillon, uma verdadeira “guerra de documentos e respectiva hermenêutica”. Em 1997, contava, então, 89 anos de idade publicava o 1.º volume dessa obra capital (2.ª edição refundida e ampliada), agora designada por *O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, para poucos dias antes do seu passamento, ver ainda o 2.º volume (2000), facto que simbolicamente pareceu a muitos uma unção ou a consagração de um homem (Sacerdote, Professor, Mestre) que engrandeceu a Cultura, a Ciência, a “sua” Universidade e a “sua” Igreja, em especial a de Braga.

Bibliografia activa: *Álbum de Paleografia e Diplomática. (Coleção Provisória)*, Coimbra, [s.n.], 1966; *Álbum de Paleografia e Diplomática Portuguesas. I – Estampas*, 6.ª ed., Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática; *Idem, O Bispo D. Pedro e a organização da Arquidiocese de Braga*, 2.ª edição refundida e ampliada, 2 vols., vol. I, Braga, Irmandade de S. Bento da Porta Aberta, 1997-2000; *Constituições diocesanas portuguesas (Séculos XIII-XV)*, I, Braga, Livraria Pax, 1973; *Idem, “La Chancellerie Royale portugaise jusqu’au milieu du XIII^{ème} siècle”*. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra, vol. 15, 1975, pp. 143-169; *Dedicação da sé de Braga: 28 de Agosto de 1089. Resposta a Bernard F. Reilly*, Braga, Cabido Metropolitano e Primacial Bracarense, 1991; *Estudos de Cronologia, Diplomática, Paleografia e Histórico-Linguísticos*, Porto, Sociedade Portuguesa de Estudos Medievais, 1992; *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*, 3.ª ed., Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática, 1993; VENTURA, Leontina, VELOSO, Maria Teresa Nobre, *Livro Preto da Sé de Coimbra*, vol. 3, Coimbra, Arquivo da Universidade de Coimbra, 1977-1979; *Livro Preto da Sé de Coimbra.: Edição crítica: texto integral* (ed. por

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Manuel Augusto Rodrigues, com direcção científica de Avelino de Jesus da Costa), Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra; MARQUES, Maria Alegria Marques, *Bulário Português – Inocêncio III (1198-1216)*, Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1989.

Bibliografia passiva: COELHO, Maria Helena da Cruz, “Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa. O Professor, o Mestre”. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra, vol. XXV, 1990, pp. 309-317; MARQUES, José, “Prof. Doutor Avelino de Jesus da Costa. Sinopse bio-bibliográfica”. *Theologica. Braga*, 2.^a série, 28, 2, 1993, pp.285-303; *Idem*, “Padre Avelino de Jesus da Costa (1908-2000). In memoriam”. *Lusitania Sacra*. Lisboa, 2.^a série, 13-14, 2001-2002, pp. 641-647; *Idem*, *Elogio do Professor Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa (1908-2000)*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2007; MATTOSO, José, “Perspectivas actuais da investigação e da síntese na Historiografia Medieval portuguesa (1128-1383)”. *Revista de História Económica e Social*. Porto, 9, Jan.-Jun., 1982, pp. 145-162; *Idem* (dir.), *The Historiography of Medieval Portugal (c. 1950-2010)*, Lisboa, Instituto de Estudos Medievais/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2011, pp. 45-65 e 323-347; OLIVEIRA, António de, “Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra (1911-1970). Um esboço das suas tendências”. *Antiquarismo e História*. Coimbra, Palimage, 2013, pp. 201-284; SOUSA, Pio Gonçalo Alves de, “Avelino de Jesus da Costa (1908-2000). In memoriam”. *Anuario de Historia de la Iglesia*. Navarra, 12, 2003, pp. 445-447; VELOSO, Maria Teresa Nobre; MARQUES, Maria Alegria Fernandes, “Professor Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa (1908-2000)”. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, n.º 6, 2007, pp. 215-217; *Vida e obra do Prof. Doutor Cónego Avelino de Jesus da Costa*. Coimbra, Instituto de Paleografia e Diplomática da Universidade de Coimbra, 2001.

Maria Alegria Fernandes Marques

Maria José Azevedo Santos